

LÍTERATURA E CIBERCULTURA: UM OLHAR SOBRE OS TEXTOS MULTIMIDIÁTICOS NA INTERNET

Elaine Cristina Carvalho Duarte
naneduarte@hotmail.com

Simone Silveira de Alcântara
enomisalcantara@gmail.com

Resumo: O presente trabalho se propõe a lançar um olhar sobre o texto digital de publicação na internet, objetivando abordar a poesia eletrônica, tendo em vista os processos de intermedialidade, hibridização de meios e linguagens. Partindo do princípio de que o e-texto¹ é mais que somente um gênero literário, assumindo também papel relevante como representante de uma nova prática cultural, será feita uma reflexão acerca da importância das mídias² na construção do imaginário poético eletrônico e na postura dos leitores frente a esses formatos textuais, buscando um entendimento dos elementos determinantes da poesia eletrônica no contexto cultural contemporâneo. Serão enfocados textos literários eletrônicos, a teoria da medialidade, o hibridismo e a cibercultura.

Abstract: The present work intends to reflect on the digital text published in the internet, aiming to examine electronic poetry, mainly as concerns the processes of intermediality, hybridization of media and languages. Starting from the principle that the e-text is more than just a literary genre, also assuming a relevant representative role in new cultural practice, the importance of media in the construction of the electronic poetic imaginary and the response of the readers facing these textual formats will be investigated, searching for an understanding of the determinant elements of electronic poetry in the contemporary cultural context. Electronic literary texts, the theory of mediality, hybridism and cyberculture will be focused.

Palavras-chave: Internet. Ciberliteratura. Texto eletrônico. Mídia. Literatura digital.

Key words: Internet. Cyberliterature. Electronic text. Media. Digital literature.



www.caricartoons.com

Introdução

É inegável a importância da tecnologia na contemporaneidade que, em todas as suas formas, tornou-se uma extensão do homem. O acesso imediato à informação nos aproximou do mundo e tem nos proporcionado inúmeros benefícios. “Acessar, em tempo real, informações sobre quase tudo que existe no mundo e poder estabelecer contato direto com as fontes de de informação, representa uma drástica mudança de paradigma na sociedade humana” (VILLAÇA, 2006. p. 3). Se o mundo ganhou uma nova dimensão, a literatura, que é uma representação do homem, acompanhou essa mudança. A arte se faz com os meios de seu tempo, e nesse sentido as artes midiáticas são a expressão da criação artística atual exprimindo a sensibilidade e o conhecimento do homem do início do terceiro milênio, como afirma Arlindo Machado (2007, p. 10).

Desde que a internet e a digitalização de textos passaram a fazer parte da vida cotidiana das pessoas¹, o assunto tomou conta de reportagens jornalísticas, livros, publicações acadêmicas e uma série de outros meios. Entretanto, há uma lacuna que precisa ser preenchida dentro dessa variedade de textos. Nota-se que, em sua maioria, os artigos tratam de digitalização de obras já existentes e consagradas e não de um novo modo de se fazer literatura, utilizando-se dos recursos que a tecnologia oferece. Como constata Denise Azevedo Duarte Guimarães,

Percebemos claramente, no entanto, que a ampliação do espaço da ciberliteratura tem esbarrado na mera transferência de obras do papel para a tela, sem que haja a devida consciência dos recursos multimidiáticos e/ou hipertextuais. Ainda há muito a fazer no que tange à criação de textos literários,

cuja realização plena só se dá nos multimeios ou na internet. Trata-se de textos pensados exclusivamente para os novos suportes, e não pura e simplesmente transferidos para as telas... (2005, p. 18)

Em um outro viés, o discurso teórico acaba centrado muito mais em dados superficiais, estatísticos e matemáticos, do que em um estudo mais aprofundado sobre a arte e o uso das tecnologias especificamente. Segundo Arlindo Machado, as discussões estéticas foram amplamente substituídas “pelo discurso técnico e questões relativas a algoritmos, *hardware*, *software* tomaram grandemente o lugar das ideias criativas, da subversão das normas e da reinvenção da vida” (MACHADO, 2007, p. 54).

Nesse sentido, fazem-se cada vez mais necessários estudos que objetivem discutir a literatura digital e seus elementos determinantes. Este trabalho abordará algumas questões sobre a e-poesia, que é uma das formas de e-textos disponíveis *online*, refletindo sobre o seu lugar na crítica literária e no contexto cultural atual e sobre questões relacionadas à intermedialidade, hibridização de meios e linguagens.

Imagens, sons e letras

Vivemos em um mundo de imagens, ou seria mais correto dizer que vivemos em um mundo de hibridismos, em um mundo de mixologias, como afirma Nizia Villaça (2010). Não há como escapar, para onde quer que se olhe as imagens estão a nos espreitar. A TV, o cinema, a fotografia dos *outdoors*, os vídeos da internet, os celulares, os *palmtops*, todos os meios de comunicação de massa nos acenam e nos lembram que estamos na era das imagens e das mixologias. Para muitos esse é o fim dos tempos, fim da arte, fim da literatura, para outros (esse) é o início de uma nova era, em que arte e tecnologia se juntam para formar um novo conceito artístico.

Segundo Arlindo Machado:

... os intelectuais de formação tradicional resistem à tentação de vislumbrar um alcance estético em produtos de massa, fabricados em escala industrial. (...) para esses intelectuais, falar em criatividade ou qualidade estética a propósito da produção midiática só pode ser uma perda de tempo. Os defensores da artemídia, entretanto, costumam ser menos arrogantes e mais espertos. Eles defendem a ideia de que a demanda comercial e o contexto industrial não necessariamente inviabilizam a criação artística, a menos que

identifiquemos a arte como artesanato ou com a aura do objeto único. (2007, p. 24)

Walter Benjamin afirma que na era da reprodutibilidade técnica a arte perde sua aura, pois deixa de ter caráter ritualístico. Por essa razão, para muitos é difícil aceitar que a arte do novo milênio assume uma outra forma que não a tradicionalmente conhecida.

Com o texto literário não é diferente. A literatura digital, especialmente a de publicação na internet, sofre com o preconceito da crítica literária. Apesar disso ela é uma realidade e está cada vez mais presente na formação dos novos leitores e escritores. Essa resistência ao novo é gerada pelo medo eterno de que uma nova tecnologia possa matar algo que seja considerado precioso, “o convencional é desfrutado sem críticas, o que é verdadeiramente novo é criticado com aversão²” (BENJAMIN, 2011, p. 20).

O estranhamento gerado pelas publicações literárias na internet tem fundamento quando se toma a leitura como um processo construído pelo hábito e pela experiência. Leva-se tempo para formar um hábito social e por essa razão torna-se difícil desmistificá-lo. Entretanto, a literatura virtual é uma realidade e tem formado costumes, sendo assim merecedora de atenção e pesquisa.

É salutar lembrar que tanto a fotografia como o cinema já foram vistos um dia com desconfiança pelo público e pelos críticos. Acreditava-se que essas artes eram inferiores à pintura. O mesmo aconteceu com o texto escrito. Em *Fedro*, Platão objetou que a escrita, que havia surgido recentemente, iria revolucionar a cultura para pior. “Dos muitos clichês que circulam na crescente espiral que são os estudos dos meios, o mais persistente pode ser a certeza de que todas as coisas detestáveis que podemos dizer sobre os computadores já eram enunciadas na crítica que Platão fez sobre a escrita em *Fedro*” (WINTHROP-YOUNG, 1986, p. xiii)³. É da natureza do homem o constante processo de transformação e isso acaba por gerar insegurança, pois o surgimento de algo novo pode significar o desaparecimento de algo já existente. Entretanto, nem sempre isso acontece. A criação da fotografia não significou o fim da pintura e é prematuro afirmar que a popularização do texto digital significará o fim do texto impresso, ou que o romance tende a desaparecer com o surgimento dos novos gêneros literários criados no ciberespaço. Não cabe aos pesquisadores prever o futuro, mas sim analisar o presente e as mudanças causadas pelas mídias virtuais no mundo literário.

Vilém Flusser (2008, p.15), um dos mais importantes críticos sobre a cibercultura, afirma que estamos vivendo o fim da linearidade textual. A informação que antes chegava até nós via texto escrito, agora nos chega via fotografias, filmes, vídeos, computadores, TV. “Não mais vivenciamos, conhecemos e valorizamos o mundo graças a linhas escritas, mas agora graças a superfícies imaginativas.”

O mundo digital não é um mundo concreto. Quando desenhamos em um papel com uma caneta ou quando datilografamos algo em uma máquina de escrever, estamos nos utilizando de tecnologia mecânica e para sabermos como a caneta e a máquina datilográfica funcionam, basta abri-las e observar seu funcionamento. Com a tecnologia digital é muito diferente. O mundo se apresenta a nós em forma de código, mais especificamente o código binário, e só através dele é possível formar imagens e escrever na tela do computador. Esse novo mundo que se apresenta é um mundo totalmente abstrato. Essas imagens técnicas são frutos de *hardwares* e *softwares* que estão em crescente desenvolvimento na sociedade moderna e que tem propiciado o surgimento de novos gêneros literários, como as poesias visuais eletrônicas.

Quando as imagens e as palavras saem do papel e são visualizadas em uma tela, a obra poética deixa de ser estática e incorpora o movimento e as sonoridades graças aos recursos de um *software* específico que configura um discurso virtual, eletrônico-digital e, portanto, diferenciado. O hibridismo entre palavra, imagem, som e tecnologia é uma experiência anterior a popularização da internet. Na primeira metade da década de 90, autores como os irmãos Campos, Arnaldo Antunes, Décio Pignatari e Julio Plaza, desenvolveram um trabalho intitulado “Vídeo poesia – Poesia visual”, que tinha como objetivo incorporar a computação gráfica na criação poética. (DUARTE, 2010, p. 59)

De acordo com Ricardo Araújo, esse projeto, sediado no Laboratório de Sistemas Integrados da Escola Politécnica da USP, incluiu a criação de cinco poemas resultantes do “esforço conjunto de pesquisadores das áreas de Engenharia Eletrônica, Arquitetura e do grupo de poetas ligados à Poesia Concreta” (ARAÚJO citado em DUARTE, 2010, p. 59).

Grças à popularização da computação gráfica, atualmente qualquer pessoa é capaz de criar seu próprio poema e publicá-lo na internet em questão de horas. Evidentemente apenas o domínio da tecnologia “não

transforma ninguém em artista ou grande poeta”, como afirma Augusto de Campos (Citado em ARAÚJO, 1999, p. 28), porém é inquestionável que, com a facilidade de acesso às novas mídias, o poeta marginal tem encontrado seu espaço, que antes era de domínio exclusivo das editoras.

Friedrich Kittler (1999, p. xxxix) afirma que “os meios determinam nossa situação”.⁴ São eles quem determinam o imaginário de uma época. Asa Briggs e Peter Burke (2006, p. 83) afirmam que não seria um exagero atribuir o sucesso da Reforma de Lutero ao aparecimento da impressão gráfica. Uma vez que seus escritos já haviam sido reproduzidos e quatro mil cópias já haviam sido vendidas, de nada adiantaria se a igreja católica tivesse queimado Lutero sob a acusação de heresia, pois suas ideias continuariam chegando à nação alemã graças à era da “reprodutibilidade técnica”.

A era das tecnologias digitais tem afetado diretamente a literatura contemporânea. A internet tem possibilitado uma interatividade entre leitor e autor. O leitor virtual é disperso e não quer apenas ler, mas também interagir com a obra e se transportar pelos hipertextos, tendo a possibilidade de navegar por infinitos textos simultaneamente. Por essa razão, os textos virtuais exigem mais agilidade do que os textos impressos, propiciando o surgimento de novos gêneros literários, como as e-poesias. Guilherme Orozco-Gomez (Citado em DUARTE, 2010, p. 59) afirma que “o texto escrito requer uma abstração que faz com que a linguagem escrita, mas especificamente a palavra, passe primeiro pela razão para depois aguçar os sentidos. Ao contrário da linguagem visual que se conecta de forma automática aos sentidos através da visão.” Esse processo acaba por dificultar a leitura de textos extensos pela internet e propicia o surgimento de textos mais concisos e híbridos. Segundo Heidrun Olinto e Karl Schollhammer (2002, p. 16):

A literatura hoje não preserva a ilusão clássica da pureza dos gêneros, nem da romântica da autonomia criadora do espírito, mas encontra-se sempre hibridamente articulada em contato com gêneros não-literários e com meios de comunicação e expressão não-discursivos. Nesse sentido, o hibridismo é hoje o fundamento e a regra para o escritor e não a exceção.

Tomando o hibridismo como fenômeno cada vez mais constante na literatura, vê-se que os textos eletrônicos não são apenas um gênero literário ou um meio de propagação de um gênero, mas sim uma prática

cultural, uma vez que não somente abarcam o fazer literário da modernidade, mas também representam o homem contemporâneo inserido nesse jogo cultural artístico.

Como ocorreu no final do século XV com as mudanças culturais, sociais e econômicas que o advento da imprensa trouxe; na contemporaneidade, também se percebe a crescente interferência de novas mídias no desenvolvimento da sociedade e as conseqüentes mudanças que geram. Hoje, as mídias que surgem não podem ser consideradas como simples modelos de reprodução, pois, além de absorverem as mídias já existentes, como havia observado Marshall McLuhan, de certa forma, são necessidades comunicativas criadas por nossa época, o que as torna responsáveis, mutuamente, pela geração incessante de outras necessidades, co-responsáveis pela criação de realidades. Nesse contexto, mudanças tecnológicas estão diretamente ligadas a mudanças semânticas e as artes, de uma forma geral, também se apropriam dessa circunstância, da atuação dos meios e os colocam em diálogo, criando múltiplas possibilidades de comunicação e, portanto, de percepção estética. (...) Nessa perspectiva, tem-se a compreensão de que as obras literárias são parte de uma constelação social, isto é, configuram-se em um campo de atuação entre produção, distribuição, recepção e processamento, conforme afirma o teórico alemão Siegfried J. Schmidt. Assim, os objetos de estudo da literatura não podem ser interpretados isoladamente, são apreendidos a partir da forma como se apresentam materialmente, tornando os suportes mais importantes que os conteúdos, uma vez que o primeiro acaba por determinar o segundo. (ALCÂNTARA, 2010, p. 230-231)

Pode-se afirmar então que o poema digital é um acontecimento, isto é, ele é “a percepção de que, a partir de algum instante, houve um evento que transformou e transtornou a maneira de as coisas do mundo se disporem ao redor dele, poema e diante de nós” (SANTOS, 2009, p. 1). O que se vê é o despertar de uma nova realidade, a realidade multimidiática, que requer adesão às sensações, à fusão dos sentidos, que dá lugar a um conhecimento que estabelece uma nova perspectiva acerca do mundo.

Heterogeneidade parece ser a palavra de ordem do novo universo que se desvenda. A literatura eletrônica atravessa palavras, linguagens visuais e sonoras, movimentos corporais, atribuindo a esses elementos o mesmo valor, propiciando uma significação que se revela a partir do entrecruzamento dessas linguagens, de novas posturas sociais e corporais.

A história da leitura nos mostra que o ato de ler envolve muito mais que o simples deslizar de olhos sobre o objeto de leitura, ele denota uma prática social. Ler, para alguns povos, demandava esforço físico, trabalho corporal, para outros momentos de relaxamento e de confraternização. Os atos de leitura estão envoltos em movimentos corporais e sociais desde a prática antiga de segurar as tabuletas de argila para leitura pública; o desenrolar dos rolos de pergaminho pelos Gregos e Romanos; o movimento de mudança de páginas do códex dos povos medievais e modernos, que transformaram a prática de leitura em um ato individual e privado; aos atos contemporâneos de ler no computador, usando o *mouse*, abrindo janelas, clicando em ícones, usando o teclado e controlando sons.

Segundo Adalberto Müller (2011, p. 114), quando nos relacionamos com as mídias elas são como “amputações”, ou seja, as usamos como se fossem extensões de nosso corpo, mas fingimos que elas não estão ali, não as aceitando como parte de nosso corpo. Nesse sentido, “ao invés de percebermos as mídias (os meios), percebemos o seu conteúdo e a ele damos toda a importância. Esse é o sentido da famosa frase “*the medium is the message*” (o meio é a mensagem), que deve ser entendida a partir do pólo do sujeito (‘o meio’), e não do objeto (‘a mensagem’”).

Partindo dessa perspectiva pode se afirmar que a literatura digital é um produto das mídias das quais ela se vale. Todo o processo de hibridismo presente nos e-textos é decorrente dos suportes disponíveis para que esses textos se façam híbridos. A comprovação disso é que a idealização da poesia visual é anterior ao surgimento dos recursos multimídia⁵, entretanto, a concretização dos poemas “verbivocovisuais” só foram possíveis com o surgimento dos aparelhos multimidiáticos, ou seja, há uma relação de interação entre autor e leitor com os recursos tecnológicos que determinam a construção de uma poética eletrônica.

Na busca de definir uma estética para o e-texto, Jan Baetens e Jan Van Looy (2011, p. 6) afirmam que a e-poesia não implica em mera digitalização do texto impresso transferido para o computador, mas sim em textos pensados especificamente para se ler em um suporte eletrônico. Analisar os textos eletrônicos sob a ótica dos textos tradicionais digitalizados é olhar para o presente através de um “espelho retrovisor”, ou seja, é pôr em prática “nossa tendência de interpretar o novo à luz do velho, marchando de costas para o futuro⁶”.

Partindo dessa afirmação, Baetens e Looy se valem de três elementos que caracterizariam o texto eletrônico: a interação, a multimedialidade e a

mobilidade. No plano interativo, o ciberleitor é convidado a participar do texto abrindo e fechando janelas, clicando em ícones e controlando o som. Em alguns casos ele se torna ao mesmo tempo escritor e espectador da obra, podendo interferir no processo criativo⁷. No plano da intermedialidade, o leitor é convidado não somente a ler o texto, mas também a experimentá-lo, participando de um jogo que explora todos os sentidos, como por exemplo, o tato ao clicar do *mouse*, a visão ao abrir e fechar de janelas, a audição ao controlar o som. No que se refere à mobilidade, o e-texto é móvel, dinâmico e “multi-formal”, tornando-se, em alguns casos, até mesmo evanescente e momentâneo, como os poemas feitos exclusivamente para apresentações em bienais e exposições de arte, durando o tempo determinado do evento. Como não há um material concreto, um meio físico como o papiro, o pergaminho ou o papel, que delegue à literatura digital o caráter de “eterno”, ela se torna elemento de inconstância e abstração. Não há garantias de futuro e imortalidade para os textos digitais.

Aí reside a diferença entre a e-poesia e a poesia concretista e meramente visual. Apesar do cerne desse texto híbrido eletrônico ser a poesia concreta e a poesia visual, o e-texto se destaca por suas especificidades, transformando-se em algo atrativo para o ciberleitor, que é um leitor disperso, ativo e multimidiático, pois não se contenta em fazer uso de uma única mídia, mas deseja todas as mídias ao mesmo tempo e apreende o mundo via multiplicidade de sentidos.

Para o homem da Antiguidade e da Idade Média, a audição era o sentido que suplantava todos os outros. O mesmo aconteceu com o sentido da visão, que marcou a Idade Moderna até fins do século XX. Tendo em vista que o homem contemporâneo não se contenta mais em fazer uso de apenas um sentido, a literatura, que é uma representação do homem, não poderia deixar de acompanhar essa mudança de postura, tornando-se um representante cultural do homem do início novo milênio.

Pode-se afirmar que os meios eletrônicos⁸ envolvem todos os sentidos, uma vez que eles englobam todas as mídias em um único aparelho. A internet por sua vez “é um ambiente, uma incubadora de instrumentos de comunicação”, pois “quando falo que estou lendo um livro, assistindo TV ou ouvindo rádio, todos sabem o que estou fazendo. Mas quando digo que estou na internet, posso estar fazendo todas essas coisas ao mesmo tempo”, além de ler e enviar e-mails, comentar em blogs, conversar em chats (LEMOS, 2003, p. 15).

O homem é um ser técnico e tecnológico⁹. Desde o surgimento dos primeiros utensílios de caça, até a invenção dos mais avançados aparatos eletrônicos, os instrumentos e os meios estão inseridos em nossas vidas, funcionando com uma extensão de nossos corpos. Para o homem pós-moderno, os dispositivos eletrônicos tornaram-se indispensáveis, uma vez que são fundamentais para manter a sociedade da informação do início do século XXI. No mundo da literatura, esses dispositivos também se tornaram uma regra, até mesmo para os mais tradicionais. Hoje em dia, nenhum artigo ou livro é publicado sem que passe pelos recursos da computação. Cada letra, cada palavra que lemos no nosso dia a dia são concebidas na linguagem das máquinas, pois o mundo moderno é matemático, as imagens e as letras são matemáticas. Esse fenômeno é reflexo do “universo das imagens técnicas”, que existe a partir do código binário. As letras não são letras, como em uma máquina de escrever, mas são combinações que, decodificadas por um programa de computador, tornam-se letras.

Julio Plaza (Citado em ARAÚJO, 1999, p. 128) atesta que esses equipamentos eletrônicos que determinam o homem da sociedade pós-industrial tem modificado significativamente a arte, a poesia e a literatura de forma geral. Os conceitos de multimídia e de hipertexto são bastante significativos para esse novo universo literário que se abre. “A tecnologia tende a fazer uma síntese polifônica de várias linguagens como o som, a holografia, o desenho, a imagem de vídeo, de cinema, a palavra: todos os códigos da História são aglutinados e estão embutidos em memórias.”

A poesia da argentina Ana María Uribe¹⁰ é uma prática condizente com a estética dos e-textos, uma vez que se utiliza de tecnologia multimídia para existirem. Seus poemas agregam som, letras, imagens e movimentos. É interessante observar que a poeta se vale das letras se locomovendo para significar o texto. Em “Disciplina” por exemplo, a letra “H” aparece em várias cores diferente e em uma sequência, como se estivessem enfileiradas de forma organizada, dando sentido ao título do poema.

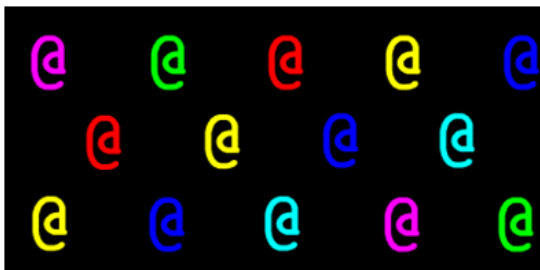


Porém, o texto está muito além do mero enfileirar das letras. Ao assistirmos ao poema¹¹, as letras se locomovem, como que em uma marcha militar. Ao fundo, uma voz reproduz um som semelhante aos discursos de Hitler no rádio na época do nazismo alemão. Esses dados transformam totalmente a significação do poema. De simples letras enfileiradas elas se tornam soldados de Hitler enfileirados. Não há de ser mero acaso que a letra escolhida é o “H”. A diferença de cores representa a individualidade dos soldados dentro de uma coletividade que gera a igualdade. Durante todo o poema, que dura cerca de 1 minuto e 30 segundos, as letras marcham em ordem ao som de uma música repetitiva que dá ritmo ao movimento dos soldados em perfeita sincronia. Ao fundo a voz metafórica de Hitler dá ordens ao seu exército. Ao final do texto a música dá lugar ao som de uma tropa marchando descompassada, ao mesmo tempo em que os “Hs” se rebelam em movimento desordenado, acompanhados da voz do comandante que muda para um tom aflitivo ao notar a indisciplina dos soldados.

Os alemães são conhecidos por sua organização, assim como Hitler ficou famoso por se utilizar dos meios de comunicação, em especial o rádio, para propagar suas ideias nazistas e também para convocar o povo germânico para a batalha. A Alemanha nazista teve como base de governo o militarismo, que é considerado a disciplina por excelência. Entretanto, a indisciplina ao final do poema pode significar uma rebelião, causada pelo excesso de pressão quando se quer atingir a ordem. Em um plano mais metafórico, uma vez que o poema fala do Nazismo, a desordem dos soldados pode representar a insurgência daqueles que se rebelaram contra Hitler.

Todos esses elementos históricos, aliados aos elementos formais do poema, dão sentido ao texto, tornando-o objeto dotado de significação. Entretanto é importante ressaltar que essa significação só se desvela dentro do conjunto, ou seja, quando um elemento extratextual se relaciona com todos os princípios do texto (imagem, som e texto escrito) e se interpenetram. Sem os recursos multimídia, o poema não passaria de “Hs” enfileirados.

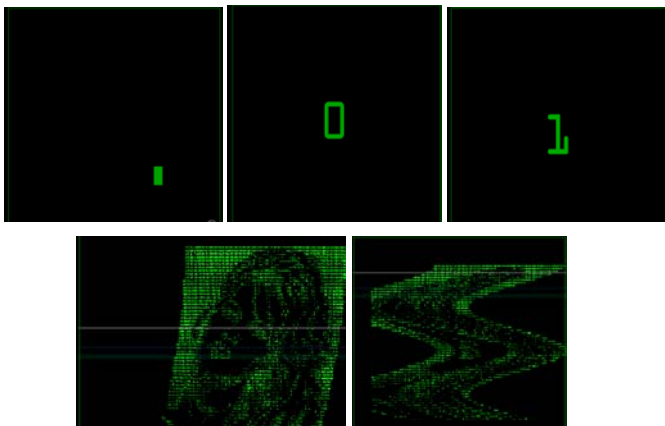
Em um outro poema, intitulado “Tennis”¹², Uribe se utiliza do sinal “@”, também em diferentes cores.



As “@s” representam rostos, como em uma arquibancada de um jogo de tênis. No decorrer do poema os rostos se movimentam olhando de um lado para o outro, como que acompanhando a bola de tênis no jogo que assistem. Aliado a isso, há um som bastante característico da partida de tênis, o quicar da bola na quadra e o rebater da raquete. Apesar de se tratar de um jogo, não há nenhum outro som além desses. Os espectadores não emitem som algum, o que também é bastante peculiar nessas ocasiões. O tênis é conhecido por ter uma plateia silenciosa e só se ouvir o som da bola.

Como no poema anterior, observa-se que a utilização dos recursos multimídia são fundamentais para a significação do poema. As “@s” dispostas na tela, imóveis, mais parecem clipes de papel. Quando o texto ganha movimento e som é que o sentido se revela ao leitor.

No poema, “*Volat Irrevocabile Tempus*” – “O tempo voa irrevogavelmente” – de Erthos Albino de Souza¹³, o texto é baseado apenas no código binário e na imagem. Segundo Ivete Walty (2001, p. 90), esse tipo de construção poemática são “signos abertos à decodificação”.



Imagens, sons, gestos, cores, expressões corporais, tornam-se signos abertos à decodificação. Nesse sentido, reitera-se, a recepção desses bens simbólicos pode ser vista como leitura, na medida em que todo recorte na rede de significações é considerado um texto. Pode-se, pois, ler o traçado de uma cidade, a moda, o corpo humano em suas várias posturas, um filme, um livro. Colocar imagem e escrita em campos opostos e excludentes é, no mínimo, ingenuidade, já que, mesmo à nossa revelia, tais códigos se encontram em constante interação.

O poema corrobora o conceito de Walty sobre leitura, pois é somente visual, propiciando uma leitura de imagens. Erthos brinca com o uso do código binário, iniciando em uma tela preta com um pequeno cursor verde no canto inferior direito. Em seguida aparecem intercalados na tela os números binários 0 e 1 que dão lugar à figura digital de uma mulher que aos poucos vai desaparecendo, trazendo à baila a consciência do texto digital como uma combinação matemática. As combinações de 0, 1 e vazio dão forma ao rosto da mulher. O poema utiliza-se do código binário, como se quisesse mostrar ao leitor a verdadeira linguagem por trás dos textos digitais. Pode-se dizer que é um poema feito para uma máquina, pois essa linguagem só é reconhecida pelas máquinas, que decodificam o código para linguagem humana. Sem um programa que faça a interface entre o código e a linguagem decodificada, o mundo virtual não passaria de uma sequência dos números 0 e 1. Entretanto o rosto da mulher aparece mostrando o produto final da

linguagem computacional: a imagem formada por pontos. O texto nos remete ao conceito de Flusser (2008, p. 15) de que “as imagens tradicionais são superfícies abstraídas de volumes, enquanto as imagens técnicas são superfícies construídas por pontos.”

Considerações finais

Finalizando, é importante refletir criticamente e analisar parte dos conjuntos de expressões textuais que a internet propõe, uma vez que a quantidade de textos da *web* é ilimitada. O mundo virtual tem nos proporcionado novas interfaces literárias, como o entrecruzamento de linguagens e a interatividade textual. Da mesma forma que no passado o mundo da literatura se viu transformado com o advento do texto impresso, o texto digital tem revolucionado as práticas literárias do homem contemporâneo e representado esse homem dentro da sua pluralidade contemporânea. Os atuais paradigmas textuais têm sofrido modificações significativas com o surgimento do livro digital e da internet. Novas possibilidades de textos se revelam a nós no ciberespaço, influenciando na construção de um leitor com perfil mais ativo frente ao que se lê. Para que a obra faça sentido é preciso a interação direta do leitor, interação que nos tira do mero papel de leitores e nos apresenta como exploradores de um mundo de infinitas navegações.

Notas

¹ Jan Baetens e Jan Van Looy utilizam-se da expressão *e-poetry* para se referir aos poemas digitais. Por essa razão, tomaremos aqui a liberdade de nos utilizarmos não somente dessa expressão, como também de outras, para nos referirmos aos textos digitais.

² Segundo Adalberto Müller (2011, p. 112), no Brasil usa-se a expressão mídia com dois sentidos: no singular, quando se refere aos meios de comunicação de massa; no singular e no plural referindo-se ao suporte físico para transmissão de um conteúdo. Neste artigo, a palavra é usada nas duas acepções.

³ Nos anos 90, a internet era privilégio de poucos. A televisão juntamente com os jornais, as revistas e os livros impressos eram, sem dúvida, os maiores meios de comunicação. De acordo com dados da *Computer Industry Almanac*, de 1999, os Estados Unidos eram o país com maior número de usuários da rede, 110.825.000.

No Japão, segundo lugar no *ranking*, o número de usuários era de 18.156.000. O Brasil ocupava o sétimo lugar com 6.790.000 internautas e a China vinha logo em seguida com 6.308.000. Dados recentes do site *Internet World Status* mostram que, no ano de 2008, a China ultrapassou os Estados Unidos, apresentando 253.000.000 de usuários contra 220.141.969. O Japão caiu para a terceira posição, com 94.000.000 de internautas e o Brasil passou a ser o sexto país com maior número de usuários, 50.000.000. A soma de usuários da Web desses quatro países era de 142.079.000 em 1999. Já em 2008, essa soma é de 671.141.969, quase cinco vezes mais internautas viajando pelas teias virtuais. Esse crescimento trouxe uma mudança de hábitos na vida do homem atual. Por exemplo, o número de leitores de revistas e jornais impresso caiu, mas isso não significa necessariamente prejuízo para os jornais. Muitos dos leitores passaram a usar esses mesmos serviços pela *web*, uma vez que esses meios de comunicação passaram a disponibilizar seus textos via internet.

⁴ “*Das Konventionelle wird kritiklos genossen, das wirklich Neue kritisiert man mit Widerwillen.*”

⁵ “Of the many learned clichés circulating in the widening gyre of media studies, the most persistent may be the assurance that all the nasty things we can say about computers were already spelled out in Plato’s critique of writing in *Phaedrus*”.

⁶ “Media determine our situation.”

⁷ Augusto de Campos afirma que “a idéia de conjugar palavras, som e imagens esteve presente nas propostas da Poesia Concreta desde o início. Nós usávamos a expressão *verbivocovisual*, que é uma palavra extraída do vocabulário de James Joyce, para sintetizar essa conjugação. Embora, em geral, se acredite que a Poesia Concreta só possua este aspecto visual privilegiado, ela, desde o início, pensava em utilizar som ao lado da imagem. Tanto que meus primeiros poemas desta fase da Poesia Concreta, da série ‘Poetamenos’, foram apresentados no Teatro de Arena, em 55, por um grupo musical que interpretava várias vozes, correspondendo às várias cores do poema” (Citado em ARAÚJO, 1999, p. 126).

⁸ “...our tendency to interpret the new in light of the the old, marching backwards into the future.”

⁹ “Em maio de 2000, o escritor Mario Prata começou a escrever um romance online, *Anjos de babar*. Ou seja, todo o processo criativo era visto na tela do computador do leitor, como se fosse a tela do próprio escritor. Todos os que estavam conectados no momento em que o autor estava trabalhando, acompanhavam o nascimento da obra. O interessante dessa experiência é que havia um fórum de discussão para interação entre o autor e os leitores, e o público se sentiu, mais do que nunca, dono da obra. Após vencer a timidez, todos estavam palpitando, questionando, querendo tomar conta da obra e até escrevendo como se fossem também autores do livro junto com

o Mario Prata' afirma Beto Muniz, um dos seguidores do projeto de Prata" (DUARTE, 2010, p. 58).

¹⁰ Por meios eletrônicos nos referimos aos Personal Computers (PCs), Notebooks, Netbooks, Tablets, Palmtops, E-readers e todos os demais aparelhos que possibilitem ao leitor estabelecer uma interação com os multimeios.

¹¹ "Técnica é o meio encontrado pelo homem para transformar e interferir na natureza usando-a a seu favor. Da mesma raiz etimológica, mas com sentido mais amplo, a tecnologia é a capacidade de unir a técnica ao conhecimento, ou seja, utilizar as habilidades mais primárias do homem aliadas à ciência. Se por um lado a técnica surge para resolver os problemas mais fundamentais do homem, por outro a tecnologia tem o intuito de realizar os desejos e facilitar as atividades humanas, sendo capaz de aliviar e simplificar os esforços físicos e mentais do ser humano" (DUARTE, 2010, p. 56).

¹² Disponível em: <http://amuribe.tripod.com/anipoemas.html>.

¹³ Disponível em: <http://amuribe.tripod.com/disciplina/disciplina.html>.

¹⁴ Disponível em: <http://amuribe.tripod.com/2002/tenis.html>.

¹⁵ Disponível em: <http://www.arteria8.net/>.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Simone S. Arnaldo Antunes, torvador multimídia. Brasília: Faculdade de Letras da UnB, 2010. (Tese de doutorado em literatura)

ARAÚJO, Ricardo. *Poesia visual. Vídeo poesia*. São Paulo, Perspectiva, 1999.

AZ, Victor. *Concretismo*. Disponível em: www.concretismo.zip.net. Acesso em: 26 maio 2011.

BAETENS, Jan, VAN LOOY Jan. *E-Poetry between Image and Performance: A Cultural Analysis*. Disponível em <http://journals.dartmouth.edu/cgi-bin/WebObjects/Journals.woa/2/xmlpage/4/article/288> . Acesso em: 02 out. 2011.

BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica". In: *Teoria da cultura de massa*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005, p. 221-254.

BRIGGS, Asa, BURKE, Peter. *Uma História Social Da Mídia. De Gutenberg A Internet*. São Paulo: Jorge Zahar, 2006.

BURDMAN, Rodrigo; FREIRE, Marcelino. *Homus Erectus*. Disponível em: <http://>

www.youtube.com/watch?v=x8Imk7B7s1c. Acesso em: 01 set. 2010.

DUARTE, Elaine C. Carvalho. “Práticas de leitura na era do texto digital”. In: *Interação. Revista de ensino, pesquisa e extensão*. Varginha, v. 12, n°12, 2010, p. 56-61.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta. Ensaios para uma filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

_____. *Medienkultur*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2008.

_____. *O mundo codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. *O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

FROÉS, Elson. Chaves de ouro. *Artéria 8*. Disponível em: <http://www.arteria8.net/>. Acesso em: 07 jul. 2011.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. “Novos paradigmas literários”. In: *Alea: estudos neolatinos*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, julho/dez. 2005.

KITTLER, Friedrich A. *Gramophone, Film, Typewriter*. Stanford: Stanford University Press, 1999.

LEMONS, André. *Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 4. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

MACHADO, Arlindo. *Arte e mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MESQUITA, Samir. *18:30*. Disponível em: <http://www.samirmesquita.com.br/>. Acesso em: 09 jun. 2011.

_____. *Dois palitos*. Disponível em: <http://www.samirmesquita.com.br/doispalitos.html>. Acesso em: 09 jun. 2011.

MÜLLER, Adalberto. *As contribuições da teoria da mídia alemã para o pensamento contemporâneo*. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum/site/images/pdf/ed2009/09_TEXTO_Mueller_definitivo.pdf. Acesso em: 27 jun. 2011.

OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik (orgs.). *Literatura e mídia*. Rio de Janeiro: PUC RIO; São Paulo: Loyola, 2002.

OROZCO-GOMEZ, Guillermo. Mídia, recepção e educação. *Revista Fameco*. Porto Alegre, n° 6, abril 2005.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. "O ser e o existir do poema digital". *Gragoatá* (UFF), Niterói: Rio de Janeiro, v. 16, 2005, p. 143-152.

SOUZA, Erthos Albino de. “Volat Irrevocabile Tempus”. *Artéria* 8. Disponível em: <http://www.arteria8.net/>. Acesso em: 26 jun. 2011.

TORRES, Rui. “Poesia experimental e ciberliteratura: por uma literatura marginalizada”. In: *Poesia experimental*. Disponível em : <[http:// po-ex.net/index.php?option=com_content&task=view&id=96&Itemid=31&lang=](http://po-ex.net/index.php?option=com_content&task=view&id=96&Itemid=31&lang=)> Acesso em: 01 out. 2009.

URIBE, Ana María. *Anipoemas*. Disponível em <http://amuribe.tripod.com/anipoemas.html> Acesso em: 04 out. 2011.

VILLAÇA, Nizia. *A comunicação e literatura contemporânea; espaços reais e virtuais*. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/02NIZIA.pdf. Acesso em: 19 maio 2011.

_____. *Mixologias. Comunicação e o consumo da cultura*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

WALTY, Ivete L. Camargo et alii. *Palavra e imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WINTHROP-YOUNG, Geoffrey; WUTZ, Michael. “Translators’ Introduction”. In: KITTLER, Friedrich A. *Gramophone, Film, Typewriter*. Stanford: Stanford University Press, 1999, p. xi-xxxviii.

Elaine Cristina Carvalho DUARTE

Doutoranda em literatura. Departamento de Teoria Literária e Literaturas da UnB. Bolsista da CAPES.

Simone Silveira de ALCÂNTARA

Doutora pelo Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília. Professora titular na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes.

Artigo recebido em 24 de agosto de 2011.

Accito em 07 de outubro de 2011.

[Voltar para o Sumário](#)